

---

# A CONTRIBUIÇÃO POLÍTICA E PEDAGÓGICA DOS QUE VÊM DAS MARGENS<sup>1</sup>

Marcos Reigota

## RESUMO

Aqueles que vêm das margens contribuem politicamente, com suas existências e processos trans-formativos, com muito mais do que aquilo que a academia lhes reconhece. Eles e elas recriam os conhecimentos, se colocam neles, criam e modificam os sentidos do estudar, do compreender e mudar as práticas pedagógicas e políticas, nas escolas e na academia. O tema deste texto é, precisamente, esta contribuição e as dificuldades que temos, no meio acadêmico, para reconhecê-la e aceitá-la como tão legítima quanto nossos autores canônicos, "obrigatórios", nossas normas técnicas e lingüísticas, nossa competição e regulação permanentes. Defende-se aqui que a principal contribuição política dos que vêm das margens ocorre na construção e ampliação da noção de cidadania na qual o sentimento de pertencimento e a intervenção cotidiana são prioritários. Considerando este movimento de ampliação da cidadania como resultado de uma produção de sentido, poderíamos aprender com aqueles que vêm das margens, poderíamos repensar a dimensão política da escola e as suas configurações contemporâneas. Poderíamos produzir conhecimentos, conceitos e teorias radicais, pertinentes e, principalmente, descolonizadas.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania – subalternidade e emancipação – política cotidiana

Elas e eles são muitos. Chegam a algum lugar que consideram um porto seguro, mas que não conhecem muito bem, seus códigos silenciosos, depois de terem enfrentado várias horas de ônibus, metrô e mais ônibus. Os que vêm das margens têm que manter a calma frente à falta de educação generalizada, que eliminou palavras de convivência e respeito entre desconhecidos, como se pode observar nos transportes coletivos. Os que conseguiram superar esses transtornos, chegam em moto ou em carros populares. Eles e elas saíram de lugares como Riversul, Bairro dos Garcias, Vila Nova Cachoeirinha, Itapetininga, São Roque, Pilar do Sul, Piedade, Nova Andradina, Iperó, Boituva, Registro, etc. Conseguiram estudar por insistência de alguém da família, de um padre ou de uma professora atenciosa. Concluíram o ensino fundamental e médio quase sempre em escola pública e não são poucos os que estudaram no curso noturno. Trabalharam em laboratório fotográfico, lojas de confecções, academias de ginástica, lanchonetes, floriculturas, salões de beleza, farmácias e escritórios de contabilidade. Um foi policial e outro foi jogador de futebol. Um outro toca bateria numa banda de rock pesado. Uma delas fechou a loja de roupas femininas no shopping da cidade, pois o sonho era estudar e se tornar professora universitária. Tem também um que ajudava o pai como motorista de táxi.

Com o que recebiam, contribuía nas despesas da família e o que sobrava, quando sobrava alguma coisa, pagavam o lanche e o curso universitário noturno na faculdade particular mais próxima. Estudaram o que puderam e o que era oferecido a preços que podiam pagar: história, geografia, pedagogia, educação física, matemática, biologia, estudos sociais e letras. Alguns, com

---

<sup>1</sup> Trabalho originalmente apresentado na Sessão Especial "Educação e subalternidades contemporâneas; novas configurações?" na 32ª Reunião Anual da Anped- Caxambu, 07 de outubro de 2009.

---

um pouco mais de oportunidades, estudaram psicologia, enfermagem, química ou turismo na cidade vizinha. Um ou outro teve a oportunidade de estudar em universidade pública, mas mesmo assim, nos cursos de licenciatura e em uma universidade não muito diferente das particulares. Mas não precisam pagar um centavo sequer para poder estudar fazia uma diferença enorme, não necessariamente nos conhecimentos, mas nas despesas de casa. Como pedras que rolam, chegaram aos cursos de especialização. Esses também situados não muito distantes de casa. Alguns se aventuraram aos cursos oferecidos à distância e exibem orgulhosos seus certificados de algumas das mais prestigiadas universidades públicas brasileiras. Têm os devidos certificados, mas não sabem ou evitam emitir qualquer comentário sobre a vida acadêmica e intelectual nessas instituições. Como pedras que rolam um pouco mais, chegam ao mestrado em educação e se deparam com uma avalanche de textos que falam da condição da classe operária, dos rizomas, de vigilâncias e das punições, da pedagogia do oprimido, dos currículos ocultos, das representações sociais, do construcionismo, do construtivismo, do voluntarismo pedagógico, da complexidade, da hermenêutica, do pós-modernismo, da educação ambiental. A desconstrução. Eles e elas têm grandes dificuldades em pronunciar os nomes de autores ingleses, americanos, franceses, alemães, húngaros, italianos, poloneses, búlgaros, e russos que constam das bibliografias das disciplinas. São autores, de quem até então nunca ouviram falar, ou ouviram de raspão. Ouvem calados as insistentes referências sobre uma classe social da qual eles fazem parte, mas não se identificam no discurso de classe média alta, branca, heterossexual, cosmopolita e intelectualizada dos professores e professoras doutores, que os coloca como seres apáticos, meros reprodutores da ordem social e capitalista. Chegaram ao mestrado por vontade de continuar estudando, por uma necessidade profissional, porque a amiga e vizinha está estudando e porque, no caso paulista, a Secretaria de Educação oferece bolsas de estudo para o mestrado aos professores concursados, bolsas essas idealizadas pelo Chalita quando ele era secretário de educação. Mas no mestrado, não se lê Chalita e a sua “pedagogia carismática”. Não se lê também esses best sellers pedagógicos que ironizam as atividades, a sensibilidade e a inteligência dos professores e professoras. Os best sellers indicados no mestrado são outros e evidentemente não carregam esse estigma capitalista. Os autores e livros “do mestrado” carregam com eles um outro poder simbólico: o de obrigatoriedade inevitável. Como livros e autores “sagrados” colocam aqueles que os desconheciam até então, em condição de subalternidade (para usar o conceito solicitado). Em outras palavras, colocam os sujeitos a que me refiro, os que vêm das margens, em condições de quase humilhação. Essas pessoas a que me refiro conhecem e vivenciaram frases assim, pronunciadas por nobres professores doutores: “Quem não leu até então os referenciais de nossa condição de explorados pelos poderes políticos e econômicos capitalistas, não sabe de nada”. Alguns querem remediar essa situação e não é raro ver pelos corredores senhoras de uma certa idade, bem arrumadas e penteadas, carregando livros do Lenin nos braços.

Outros perdem o sono em tentar entender o que dizem esse e tantos outros autores “obrigatórios”, santos e mandarins. Procuram lê-los entre uma sacolejada e outra do ônibus, entre uma aula e outra das dezenas que ministram a cada semana em escolas públicas periféricas. Mas o que fazer com essa bagagem pesada, carregada de conceitos (tão) eruditos e “emancipatórios”? Como encontrar tempo para lê-los se não sobra nem mesmo tempo para ler as resenhas dos livros dos últimos autores da moda em Paris, New York, Frankfurt, Londres e Milão que a Folha de São Paulo publicou e que alguém lá no mestrado disse que sem a leitura desses autores não se pode

---

entender o mundo contemporâneo? Mas o problema fica muito maior e chega ao limite quando, cansados, se dão por vencidos e dizem “o mestrado não é ambiente para mim”.

## CENA II

Que ambiente é esse que repudia aqueles que vêm das margens e os utiliza e os quer apenas, ou no melhor dos casos preferencialmente, como informantes generosos, de pesquisas que serão publicados em revistas Qualis e com um pouco de sorte e de lobby institucional os resultados chegarão aos cadernos de cultura dos jornais ou às revistas de divulgação científica?

Quem são essas pessoas que vêm das margens? Que histórias e conhecimentos trazem? Como chegaram ali, como permanecem e como saem de um curso de pós-graduação em educação?

Essas questões exigem uma reflexão sobre si, sobre o ser no mundo, suas relações sociais, seus sentimentos em relação aos mais diversos ambientes e possibilidades de intervenção, de participação e de existência. Afinal, perguntava Nietzsche, como é que alguém se torna aquilo que é? Essa condição do instante presente se perpetua? Se altera? Se refaz? Se reproduz? Instiga e desestabiliza o sistema econômico e o sistema de produção e difusão de capital simbólico? A exposição pública da trajetória escolar e pessoal dos que vêm das margens, elaborada por eles mesmos, contribui para se entender e teorizar sobre a educação contemporânea brasileira?

Esses questionamentos encontram amplo respaldo na filosofia, sociologia, psicologia e áreas correlatas como os estudos culturais, e não creio ser necessário reproduzi-los aqui. Então vamos aos fatos que me permitem argumentar que os que vêm das margens trazem uma contribuição política e pedagógica de extrema importância.

Ao dar espaço à reflexão e re-elaboração de si, de sua trajetória, como cidadão, como cidadã, professor e professora, estudante, mestrando/a e futuro pesquisador/a da educação, os que vêm das margens se redescobrem, se identificam, como sujeitos políticos que enfrentam os mais diversos preconceitos e privilégios de classe solidificados na sociedade brasileira. Eles e elas abordam temas diversos como, por exemplo, a condição de professor homossexual numa pequena cidade do interior do Brasil ou o significado de ser mulher, afro-descendente e professora em uma universidade particular, repudiada e ridicularizada no mundo acadêmico. Relatam ainda o que é ser nascido, criado e vivido na zona rural e intercalar suas atividades na plantação e colheita de cebola com as aulas eventuais na escola mais próxima do sítio. Relatam o que é enfrentar os dogmas materialistas e preconceitos e mesmo assim continuar adeptos e praticantes de suas crenças religiosas. Revelam sonhos individuais e familiares, nos quais a escolaridade é o principal deles e a titulação de mestre é um bem coletivo, uma conquista das famílias, nas quais os pais (e mesmo alguns irmãos) mal sabem ler e escrever.

Revelam suas leituras de mundo, suas dificuldades em sobreviver em ambiente hostil, competitivo e nada acolhedor como é, ou se tornou no tempo em que vivemos, o ambiente acadêmico. Revelam leituras e preferências artísticas e culturais. Leem João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros, Olga Savary, Clarice Lispector, Milton Hatoum e Antonio Lobo Antunes. Deglutem Gilberto Freyre, Antonio Candido, Graciliano Ramos e Paulo Freire em companhia de

---

João Silvério Trevisan, Inês Barbosa de Oliveira, Guacira Lopes Louro, Ana Godoy, Maria Cecília Focesi Pelicioni e Silvio Gallo. Dialogam com Gianni Vattimo, Jean-Marie De Ketele, Newton Aquiles von Zuben, Rubens Matuck, Nilson Moulin, Frans Krajceberg, Ana Maria Araújo Freire, Roseli Pacheco Schnetzler, Regina Leite Garcia e Nilda Alves. São esses sujeitos que, ao se virem como cidadãos e cidadãs, como profissionais indispensáveis, como estudiosos/as e pesquisadores/as do cotidiano escolar, passam a olhar seus alunos e alunas e interagir com eles de forma diferente, alteram suas práticas pedagógicas, desobedecem os pacotes institucionais, os discursos ideológicos e interesses partidários explícitos que chegam até os professores e professoras e que os querem como simples reprodutores. Não, isso não. Não mais. O ambiente escolar em que vivem e atuam se transforma. Com a presença delas e deles os programas de pós-graduação já não são mais os mesmos. Pode se até ouvir aqui ou ali uma sonora gargalhada ou ainda se deliciar com um bolo ou com uma travessa de arroz doce que alguém preparou para o grupo todo. Os santos e mandarins, assim como os autores que com muita dificuldade já conseguem pronunciar corretamente os nomes e conceitos, ajudaram nesse processo, mas o que mais elas e eles reconhecem como ponto de desequilíbrio e de desobediência das ordens instituídas, são as suas próprias reflexões e as reflexões dos colegas do lado, com quem ele ou ela pega ou dá carona, ou com quem fica “horas” no ponto de ônibus, que quando chegar, evidentemente, chegará lotado.

As e os colegas, também não são mais apenas “colegas do mestrado”. São interlocutores e se tornam amigos. Agora falta romper mais uma barreira, que é a de encontrar o tempo necessário para a escrita de si e do outro, das margens em que vivem e como que dali, veem, interpretam e se posicionam frente ao mundo, à sociedade, ao meio ambiente e à escola em que atuam. Os que vêm das margens não são mais, desde então, apenas leitores, mesmo que leitores “críticos e qualificados”. Não são mais apenas “receptores” ou “reprodutores”. São sujeitos da história (Paulo Freire) em processo de (des)construção e têm alguma coisa de singular para escrever.

### CENA III

“Essa parte de sua trajetória, você coloca no anexo”. Com frequência nos deparamos com frases como essa nos exames de qualificação. Como que todo um processo analítico, pessoal, singular e intransferível, vai para o anexo da dissertação? Os mestrandos olham, atônitos, o orientador. Esperam dele uma ajuda, um apoio teórico. E se inicia, por parte do orientador, toda aquela explicação, que os colegas da banca já conhecem e ouvem, entediados, mais uma vez.

“Mas que deveria estar lá no anexo deveria” insistem. Na defesa pública volta-se a questionar por que a trajetória ou essa noção de bio:grafia (\*) não foi lá para os anexos. O futuro mestre responde com convicção: “trazer ao espaço público e acadêmico a trajetória dos anônimos que vêm das margens é um ato político e pedagógico”. Há ainda alguns rumores e ruídos, mas a presença dos amigos e familiares vestidos com suas melhores roupas, assim como os buquês de flores e os salgadinhos e sucos na sala ao lado, aguardando o veredicto final, desestimulam qualquer um da banca a insistir no argumento contrário.

---

A contribuição pedagógica dos que vêm das margens fica explícita quando essas professoras e professores, agora pesquisadoras e pesquisadores, conseguem produzir e dar sentido às suas práticas sociais e pedagógicas cotidianas e desobedecer os padrões oficiais, oficiosos e extra-oficiais, fazendo assim com que a escola e suas margens se transformem em laboratórios de possibilidades existenciais, de produção de conhecimentos e subjetividades e de intervenções social e política.

Nesse processo ficam também explícitos os limites e fragilidades de cada um, desde o que diz respeito ao domínio da “norma culta” da língua portuguesa até o que diz respeito às regras, formato e normas de apresentação de um trabalho científico, mas essas fragilidades são secundarizadas pelo esforço de compreensão e deglutição dos conceitos e autores que embasam a reflexão e o trabalho final, apresentados na dissertação.

São essas professoras e professores, agora mestras e mestres, que estão lecionando nas escolas públicas de ensino fundamental, médio e técnico e em cursos de licenciatura em universidades e faculdade particulares. Isso nos leva a indagar: quais são e serão os impactos políticos e pedagógicos das práticas sociais e pedagógicas cotidianas deles e delas, depois de concluído o mestrado?

Podemos considerar que esse movimento político e pedagógico contribuirá para a resignificação da escola, principalmente da escola à qual os que vêm das margens têm acesso?

Nesse sentido, penso que a principal contribuição política ocorre na construção e ampliação da noção de cidadania na qual o sentimento de pertencimento e a intervenção cotidiana são prioritários. Essa perspectiva se aproxima da noção de cidadania que autores como Mary Jane Paris Spink, Vera Telles e Henrique Caetano Nardi desenvolvem e que tem como ponto comum o argumento de que o movimento de ampliação da cidadania é resultado de uma produção de sentido. Não se trata, portanto de uma cidadania que convida à participação, mas que exige obediência e adesão a princípios e critérios pré-definidos por alguns. Na ampliação da cidadania, para além de seus aspectos normativos e de participação vigiada, partimos do princípio de que todo ato político e pedagógico é possível de ser desconstruído e reconstruído cotidianamente, pelos sujeitos que se reconhecem como cidadãos e cidadãs em ambientes, onde os limites geográficos, ecológicos e imposições políticas e sociais de controle das vozes dissonantes, já não fazem (se é que algum dia fizeram) nenhum sentido. Se esse movimento de ampliação da cidadania ocorre no ambiente escolar, e dados empíricos indicam que sim, poderemos repensar a dimensão política da escola e as suas configurações contemporâneas. Podemos mais, podemos produzir conhecimentos, conceitos e teorias radicais, pertinentes e, principalmente, descolonizadas.

Se os que vêm das margens darão ou não continuidade às suas experiências sociais, políticas e pedagógicas em pesquisas em futuros doutorados, ou ainda se terão a possibilidade de apresentarem seus trabalhos em simpósios e congressos menos comprometidos com “padrões Qualis”, dependerá muito da compreensão e acolhida dos colegas que têm o poder de decidir sobre isso.

Se o ambiente universitário brasileiro se abrir ao pensamento e contribuições dos que vêm das margens e ouvir delas e deles o que trazem como experiência, reflexão original e contribuição teórica em sintonia com o tempo histórico e com a sociedade em que vivemos, possivelmente haverá uma renovação do pensamento pedagógico e político brasileiro e nossas universidades e programas de pós-graduação não serão mais espaços privilegiados de expressão de

---

subalternidades voluntárias frente aos autores, colegas e instituições de além-mar, de Brasília, etc... e tal.

(\*Reigota, Marcos; Prado, Bárbara Heliodora Soares. Educação Ambiental: Utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.